

Haydu, Verônica Bender. Paixão e amor no casamento? **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1190, p. 7, out. 2005.

Paixão e amor no casamento?

A euforia, o desejo de estar junto, a sensação de estar nas nuvens, a felicidade, aquela ânsia para ser correspondido, tudo acaba com o término da paixão e vem a rotina, as cobranças, a intolerância e o marasmo. É isto que é o casamento? No texto em que escrevi sobre ser feliz a dois, eu concluí que “quando a paixão dá certo”, ela se transforma em amor, além de existir a possibilidade de continuar havendo paixão, mesmo se estivermos casados.

Vejamos se consigo explicar como isto pode acontecer. Imagine que você passou pela fase da paixão, em que um fogo intenso permaneceu aceso por vários meses (só em casos muito raros, ela dura mais do que 3 anos). Depois disso, pouco a pouco, a fogueira se transformou num braseiro e, agora, só de vez em quando, uma pequena chama é acesa. Como fazer para que as brasas não se apaguem por completo? É simples, você deve continuar colocando “carvão” todos os dias e continuar “soprando as brasas”!

Vocês podem estar se perguntando, mas a química acabou, o organismo chegou a um nível de esgotamento de seus recursos.

Bem, não é exatamente assim! As substâncias químicas como, a feniletilamina, a norepinefrina e a dopamina, fazem parte do nosso sistema neuroquímico e são produzidas constantemente. Elas fazem parte do nosso funcionamento fisiológico normal e quando nos apaixonamos, elas passam a ser sintetizadas simultaneamente e em quantidade muito maior do que o normal. Duas outras substâncias, os hormônios oxitocina e vasopressina, que são encontradas em concentrações diferentes no corpo da mulher e do homem, também contribuem para uma série de sensações que acompanham as interações amorosas. Por exemplo, a oxitocina interage com o hormônio sexual estrogênio e é responsável pela sensação de prazer e bem estar que sentimos depois de fazer amor. A vasopressina, no homem, parece estar relacionada com o apego que ele sente pela sua amada.

Apesar de não terem sido totalmente esclarecidos os processos de atuação destes hormônios, os cientistas sugerem que eles têm um papel fundamental na formação das

relações duradouras, na constituição dos casais e, até, no apego entre pais e filhos. Talvez isto aconteça porque o toque (carícias, contato de pele, beijos, etc) estimulam a produção de oxitocina e ela produz a sensação de bem estar em relação à pessoa que nos estimula. Um estudo interessante mostrou que a oxitocina é encontrada em níveis mais altos em nosso organismo, quando sentimos confiança em relação a uma pessoa. Mas, há um alerta: não adianta tomar uma injeção de oxitocina, que você não sentirá confiança pela pessoa que lhe deu a injeção.

Bem, parece que os neurocientistas nos ensinam que a maneira de manter a nossa “brasa acesa” é colocando oxitocina e vasopressina em nossos relacionamentos. E vejam só, que coisa interessante, oxitocina e vasopressina são sintetizadas quando há contato de pele (carinho, beijos, abraços) e, mais ainda, quando fazemos amor. A oxitocina, por sua vez, contribui para um aumento do desejo sexual. Portanto, está correta a suposição de que quanto mais amor fizermos, mais amor vamos querer fazer e quanto menos amor fizermos menos iremos querer.

Assim, posso concluir que, mesmo não estando loucamente apaixonados(as) pelo nosso marido ou esposa, se o nosso braseiro estiver recebendo “carvão” constantemente e sendo soprado ocasionalmente, as suas brasas não se apagam. Um sopro mais forte ou um fósforo poderão acender uma chama bem grande e, certamente, momentos de paixão intensa e ardente poderão ser revividos com frequência.

Você pode acessar os textos que escrevi nas edições anteriores do Jornal Tribuna do Vale do Paranapanema no meu site pessoal: www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo